

BIBLIOTECA
DO SENADO
FEDERAL

THEODORO PARKER.

ELEMENTO SERVIL
ESTUDO

V
326
P943
66
1871

85 e

ELEMENTO SERVIL

ESTUDO

POR

THEODORO PARKER

L'esclavage deshonne le travail,
il introduit l'oisiveté dans la société,
et avec elle l'ignorance et l'orgueil,
la pauvreté et le luxe. Il énerve
les forces de l'intelligence et endoit
l'activité humaine.

(A. DE TOCQUEVILLE, *De la démocratie
en Amérique*, t. 1^o, chap. 2^o, pg. 22).

RIO DE JANEIRO

TYP. DA RUA DA AJUDA N. 20

1871

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF NATURAL HISTORY

1870

NO. 1000

THE
MUSEUM OF
NATURAL HISTORY
NEW YORK

1870

ELEMENTO SERVIL

ESTUDO

POR

THEODORO PARKER

Felix Ferreira

RIO DE JANEIRO

TYP. DA RUA DA AJUDA N. 20

1871

✓
326
P243
eS
1871

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob número 84-F
do ano de 1974



I

« L'esclavage deshonne le travail, il introduit l'oisiveté dans la société, et avec elle l'ignorance et l'orgueil, la pauvreté et le luxe. Il énerve les forces de l'intelligence et endort l'activité humaine. »

(A. DE TOCQUEVILLE, *De la démocratie en Amérique*, t. 1^o, chap. 2^o, pg. 22).

Diz-se geralmente que a causa da emancipação está ganha perante a philosophia e no mundo do sentimento. Assevera-se que ninguem, de boa fé, é partidario da escravidão e que todos a condemnam á luz da moral, da religião e da razão. Vae-se mais longe, e pretende-se ser igualmente convicção geral que, economicamente, é a escravidão um grande mal, sendo o trabalho livre mais productivo, ao passo que mais barato.

Infelizmente, porém (em que nos pese dizê-lo), a causa da humanidade e da civilização, do direito e da verdade, não tem ganho tanto terreno na consciencia publica, como asseveram observadores superficiaes.

Si estivessemos bem convencidos de que a es-

cravidão é uma iniquidade barbara, mais degradante, como de facto é, para o senhor do que para o proprio escravo, qual o homem de brio que, por um instante, possuisse um seu semelhante? Si tão intuitiva verdade, como a de que o homem, que fórça o proximo a trabalhar, não para si, mas para o verdugo que lhe arranca toda a autonomia e o captiva (corpo e alma) á sua tyrannia, commette o mais assombroso de todos os crimes, um attentado infinitamente mais violento e clamoroso do que aquelle que, com riscos e perigos, assalta o viajante para arrancar-lhe a bolsa ou a vida, tivesse callado no pudico sacrario da consciencia, quem não se occultaria aos olhos de todós, como um infâme, para perpetrar tão abominavel crime? E nem tranquillisaria ao tyranno o facto de ter sido outrem quem reduziu sua victima á escravidão, porquanto a mesma consciencia lhe bradaria ser elle ainda mais miseravel, esse que, sem ao menos correr os riscos da viagem á Costa d'Africa, ou os da guerra, ou os da caça dos cruzeiros e mil outros no oceano, apenas com alguns miseraveis mil réis, commo-damente pagou todos os serviços, despezas e perigos corridos pelo detestavel traficante de carne humana e acoroçoou com a compra esse nefando commercio, tornando suas, pela cumplicidade da mesma compra, todas as abominações commettidas pelo vendedor, cujo cessionario se torna sciente e conscientemente. Abra-se qualquer co-

digo, e nelle ver-se-ha considerado co-réu ou cúmplice do roubo quem compra objectos roubados sabendo ou devendo saber que foram roubados.

Dir-me-heis que não indagastes si o negro foi ou não roubado á sua patria e á sua liberdade quando o comprastes. E eu sómente vos responderei que fica provado o meu triste asserto: « no mundo da philosophia não está ainda ganha a causa da liberdade. » As consciencias ainda vos não dizem que a pessoa do negro como a do branco não póde cahir na escravidão sinão por força, violencia, roubo, attentado. Ao contrario, alguns espiritos mettem na cumplicidade de tão monstruoso crime a propria Divindade! Enchergam na côr negra da pelle a rubrica divina que legalisa a escravidão e buscam nos textos, mais ou menos torturados das antigas sagradas escripturas, os échos da maldicção, que condemnou os desditosos filhos da raça de Cham.

II

No mundo do sentimento (parece impossível!) é infelizmente certo que a sorte do escravo ainda está mais desprotegida. Ha muita gente que sustenta, com o calor que inspira de ordinario a boa fé de uma convicção, que o escravo não é mais infeliz do que o proletario da Europa ou quiçá do que os fortes cidadãos livres da antiga Roma ou Athenas. Dizem mesmo que não são absolutamente infelizes, e que seus senhores o são ás vezes mais. Dahi pouco falta para declararem benemeritos da patria esses que, mal encarando o proprio interesse, se sujeitam a ser senhores e administradores de seus escravos, fazendo-os trabalhar para se sustentarem e enriquecerem o paiz, em vez de abandonarem-se á vida imprevidente e descansada do negro, que tem quem o vista, o nutra e o livre de todos os encargos pesados da familia e da sociedade! Não se lembram por um instante esses optimistas *sui generis* que, para darem tamanha *felicidade* ao escravo, mutilam sacrilegamente a grande obra divina, que se chama o homem.

Despojam-no de todas as faculdades, sentimentos, inclinações, attracções e paixões com que Deus povoou-lhe a alma quando o creou colla-

borador da sua grande obra na humanidade. Privam-no de tudo quanto a natureza lhe ensinou a appetecer, e porque não tem o escravo conseqüentemente que lutar, essa lucta, que redobra os encantos da victoria, para alcançar esses bens a que não lhe é possível chegar, atiram-lhe á face o sarcasmo brutal de chamá-lo feliz a elle pobre escravo, symbolo do infortunio !

Mas o que não registram esses grandes philantropos, é a intensidade da sêde devorante, que requieima essa alma em perenne jejum, deante do maná divino, que a natureza lhe promettêra a troco de seu trabalho quotidiano !

O que esquecem, é a serie infinita de dramas pungentes e sombrios, que se atam e desatam na noite da escravidão, nodoadá de sangue, povoada de gemidos arquejantes, e soluços, ensopada de lagrymas !...

Todos os sentimentos humanos estão esmagados e respingam agonias !.. A amizade, o amor, a benevolencia, a charidade, o desinteresse, a abnegação, a firmeza, o valor e todas as multiplices formas da aspiração infinita da alma para a luz e para o bello, para a verdade e para o bem, tudo isso não tem logar no mundo da escravidão, e quanto maiores forem até as virtudes, maiores crimes e desgraças originam. Chamem-se amor de filhos, de esposa, ou de mãe ! São contrabandos moraes que desafiam energica repressão

E assiste-se a semelhante espectaculo impas-

sivel e frio! Uns, como verdugos para a monstruosa deformação do mundo moral, concorrem com o ferro e o azorrague, e outros com a cumplicidade, no charater de cidadãos do paiz, que consente e presta apoio á iniquidade, com todo o machinismo organizado de sua policia, magistratura, leis e força publica.

Pois si no mundo do sentimento reinasse o horror, que geraria a consciencia da atrocidade da escravidão, teria alguem bastante deshumanidade para aquelle mister de carrasco, e outros para consentirem e auxiliarem essa obra infernal? Quem supportaria o trayo amargo de iniquidade de uma chicara de café (no dizer de um grande philosopho referindo-se á ilha de Cuba) ainda temperando-o com o assucar humido do sangue humano, que para fazê-lo se derrama?!

Dae embora ao escravo todo o bem-estar material; concedamos, o que está bem longe de ser verdade, que os senhores os tractam com muita humanidade, retirem do fructo do trabalho, que lhes extorquiram, largas porções para proporcionar-lhes commodidades de toda a especie; admittamos mesmo que não lhes fazem injustiça absoluta ou relativa na distribuição do castigo, da recompensa ou da indiferença, (que já é um tal ou qual bem, por ser a ausencia da perseguição de um capricho da occasião), ainda assim a mutilação moral e social, soffrida pelo escravo, fará d'elle eternamente um poema pungente, um compendio

vivo de todas as infelicidades e miserias imagináveis!

E é esta a face mais horrível da escravidão: ser um facto tão revoltante que não ha meio de pôr a natureza de accordo com elle. Não ha boa vontade do senhor, resignação e virtude do escravo, longanimidade e paciencia de uns e outros, que lhe disfarcem a amargura immensa, e atenuem a monstruosidade de condição tão miserável! Onde quer que vejaes um escravo, ficae certo que tendes deante de vós um infeliz ou um monstro, ou uma e outra cousa: e esse, quem quer que é, que se diz seu senhor, seja embora a dama mais delicada, creada para captivar olhos e coraçãoes, esparzindo mil encantos e seducções, que fazem scismar nos anjos descidos das celestiaes moradas, é sempre um monstro moral, e nada mais do que um monstro por força de sua condição.

Todo o seu criterio moral está pervertido, a consciencia callosa, o sentimento prostituido e a alma irremissivelmente pestiferada é um fóco de contaminações para todo o corpo social!

Não temos consciencia das cruciantes agonias do escravo por força dessa perversão moral, e porque o Fautor de tudo não permite o mal absoluto do opprimido. Em sua immensa bondade elle, que creou as harmonias das esphas celestes, que povoam o infinito do espaço e do tempo, não com mais amor do que o infusorio e as miriades de seres que dão ao atomo a capacidade do infinito,

povôu tambem o atomo de vida moral, de que não podemos despojar o misero vivente, de muitas e muitas felicidades, que brotam providencialmente da mesma miseria, e que muitos não comprehendem, ao passo que alguns invejam !...

E' certo sim, e mais frequente do que se pensa, que o escravo ás vezes é mais feliz do que o verdugo que o opprime, mas nem isso lhe restitue o seu direito e lhe inteira o seu quinhão de felicidade, nem lhe aligeira o pezo da cruz, que lhe atiram aos hombros, embora robustecidos pela misericordia de Deus, e' menos, e nunca legitimam a oppressão e iniquidade, fonte perenne de desgraças e abominações para o oppressor e o opprimido.

III

Perante a rasão a escravidão não se tem ainda revellado tão pouco em toda a sua hediondez.

A sociedade brasileira ainda não tem a consciencia clara do mal, que lhe vem da influencia deleteria da escravidão. Ainda os estadistas e a nação não estão sufficientemente convencidos do rebaixamento do nivel moral, que originado no facto da escravidão, dá em resultado a degradação da virilidade civica da população livre, a falta de iniciativa, a timidez rotineira, a imprevidencia, a relaxação de costumes, a tibieza das crenças religiosas, philosophicas e politicas, a falta absoluta de principios, juncto a um fanatismo supersticioso pelos dogmas falsos e profanos de obediencia servil e de dominação senhoril, que se reflectem em todas as relações sociaes.

Os que não têm consciencia da iniquidade são eunuchos moraes incapazes de nenhum sentimento masculino, e os poucos que ainda sentem-se affectados de escrupulos, quando senhores ou colaboradores dos senhores na obra infernal da oppressão, degradam-se no aviltamento da cumplicidade a que se não podem ferrar, e ás vezes depravam-se cynicamente na embriaguez do remorso e na hallucinação do terror, que lhes ins-

pira a previsão do grande dia do julgamento final.

E todos esses commensaes do banquete de ini-
quidade em que devoram as carnes e bebem o
sangue dos filhos de Deus, que não se deram,
como o cordeiro de Judá, voluntariamente em
hostia á humanidade, mas são sacrificados pelo
peccado de uma monstruosa gulla, uns, incon-
scientes e embrutecidos, outros, em desesperada
orgia, abafando com os gritos da bacchanal os da
consciencia endolorida, sentem-se e estão de facto
abandonados do espirito de Deus, o sopro creador
da verdade, o calor vivificante do bem. Perver-
tidas as leis sociaes, falseados os estímulos natu-
raes com que Deus aguilhôa o homem para o
trabalho e lhe alarga os horizontes da aspiração
ao cabo de cada conquista, que elle faz sobre a
natureza, substituidas as molas da acção e os
principios naturaes por outros, feitura rachitica
e ridicula, ao mesmo passo que iniqua, do per-
vertido cerebro do homem bruto, o trabalho livre,
fecundo como Deus o fez, não quer e não póde
entrar em competencia com o escravo, ao passo
que o trabalho escravo não obtem em preço para
quem o explora sinão a satisfação de falsos gozos
animaes, saturados de resaios amargos, *brutifi-*
antes e ruinosos, não trazendo apoz si nenhum
melhoramento moral, nenhuma nova aspiração
nobre, nenhuma das mil ambições divinas do es-
pirito que desnor-teou do rumo em que pára a es-

cada de Jacob, por onde se sóbe da terra ao céu.

De um lado tudo solicita o escravo, não digo só a não produzir mas a destruir.

A nada tem que aspirar.

Por maior que seja seu esforço, por mais inteligente que seja a applicação do mesmo, por mais abundante o seu resultado, a desditosa sorte em nada melhorará, nenhum gozo moral ou material lhe póde provir de esforço seu, mas tão sómente do acaso incarnado no capricho do senhor, e por ventura do maior desenvolvimento das más qualidades da natureza humana.

Si se fizer collaborador do branco na oppressão dos parceiros, si fôr delator de seus irmãos de infortunio, si, como um cão, der-lhes caça quando fugirem, si os zurzir quando quizerem furtar-se por um instante ao cansaço sem treguas que os opprime, si se fizer corretor dos lascivos appetites dos senhores e de seus prepostos, oh! então póde obter algum favor, algum allivio a seus tormentos. Do exercicio do bem, da applicação em produzir mais e melhor nenhum beneficio colhe, mas das industrias perversas e estereis, que fazem prosperar a depravação de escravos e senhores, augmentando as desgraças de uns e de outros, póde esperar alguma material vantagem.

Tudo convida, pois, o escravo a não produzir, e o odio que lhe entumece a alma o leva a machinar contra o algoz, que o explora. Elle lhe

move de continuo uma guerra surda e latente, contraria-lhe as ordens todas com hypocrita servilismo, burla-lhe todas as providencias com estudada exaggeração da propria estupidez e ignorancia. Vinga-se do trabalho, da pena, que lhe impõem, esterelizando-a o mais possivel.

Visto que não póde recusar o esforço, priva-o da vitalidade, que o faz fecundo, e consegue realisar a formula antipoda do *desideratum* economico ; ao maximo esforço, corresponde a minima producção.

De modo que esses galés presos á roda da iniquidade, condemnados a um trabalho incessante e mortificador nada produzem, e o suor abundante com que regam o valle de suas penas, longe de fertilisar-lhe o sulco, ergue-se nos raios do sol até o throno de Deus para reclamar justiça ou implorar castigo...

Por outro lado, o homem livre não tem outra aspiração que não a de possuir um escravo ao menos, de cujo trabalho elle viva e sua familia. Alguns o alcançam, outros preferem viver dos roubos dos escravos alheios, outros á custa do grande lavrador, que não poupa nem as terras, nem as sobras dos productos de seus numerosos escravos, para alimentar a ociosidade de aggregados *parasytas*, que lhe sirvam de sequella nas farças eleitoraes de sua freguezia.

Em geral ignorante e embrutecido, o grande lavrador, além dos gozos materiaes não compre-

hende e não aspira a outros que não os de pompa e apparato. Com os máus hábitos do mando absoluto, a apparencia do poder e da força é o que mais lisongeia-lhe a imaginação; dahi os varios sacrificios estereis, que muita vez faz, para aco-roçoar a ociosidade e fartar a preguiça de muitos proletarios, que forros do esforço preciso para satisfazer as primeiras vitaes necessidades, que são a eschola do trabalho e da aspiração, instrumento e estímulo do progresso humano, depravam-se e esterilizam-se, consumindo a producção do braço escravo, embora minguido, como já dissemos, em comparação do esforço que despende.

E eis como a sociedade fica estacionaria, e a producção geral é quasi nulla a despeito da oppressão desenvolvida em immensa escala de uma parte da nação contra a outra.

O escravo produzindo o menos que póde, e o livre occupado tão sómente em viver á custa desse misero e não aspirando a mais nada sinão a ver-se exempto da lei vivificadora e fecunda do trabalho; ao passo que o rico dissipa o fructo, minguido em verdade, mas para elle avultado, do esforço alheio de que é furtuito possuidor.

E assim o trabalho, origem da abundancia e da prosperidade, condição essencial da felicidade humana, preço e recompensa da vida, é o flagello do escravo, e o pesadello do livre que o abomina por pendor para o ocio, juncto ao desprezo em que

o tem por vê-lo identificado á servidão e á miséria.

E haverá prosperidade publica possível em semelhante regimen ?

Entretanto ahi andam graves estadistas a affirmar que a emancipação destruiria a producção e traria a miséria publica ! que a escravidão é a base solida e talvez a chave da abobada não só da liberdade dos brazileiros, como do soberbo edificio a que se chama Brazil. Mas pelo amor de Deus raciocinemos : Emancipados os negros, não permanecem as nossas terras integras em toda a sua fecundidade ? não ficam no paiz todos esses trabalhadores de côr, que existem hoje, e não entram para o trabalho todos os que até aqui viviam á custa delles e que agora terão de viver á sua propria custa ?

Suppondo que todos os negros alforriados se entreguem sem excepção ao vicio e á ociosidade, esse desfalque não será mais que compensado pela acquisição de muito maior numero de trabalhadores livres, que até hoje nada faziam ? Ponhamos o pensamento em numeros : Quando o relógio do tempo bater a primeira hora de descanso para 2.000.000 de antigos escravos, não chamará a sineta para o trabalho 8.000.000 de antigos ociosos que viviam do labor daquelles ?

Entretanto é preciso accrescentar que a uberdade do solo e a natureza da nossa cultura é tal que o arroteamento das terras é nenhum e tem

mais preço justamente aquellas que estão em mattas virgens. De modo que a propria dispersão dos nucleos das actuaes fazendas não importará depreciamento de nenhuns capitaes productivos.

De facto não é por amor dos terreiros ou machinas, que as fazendas já feitas valem muito, mas pela porção de cafezaes novos que possuem. Tanto assim que das obras não se faz grande cabedal nas transferencias das mesmas, e são sempre avaliadas muito baixo em inventarios. Note-se, entretanto, que dessas obras muitas e as mais custosas são totalmente improductivas, como as luxuosas vivendas dos lavradores, outras são uteis tão sómente no dominio do falso e oppressivo regimen actual, como os quadros de senzalas, os muros para fecho dos escravos á noite, as casas de prisão, as enfermarias, etc., que quanto ao prestimo que tragam ao actual trabalhador serão facilmente substituidas pela barata choupana, que para si construir e pelo conchêgo da familia, que tiver o direito de fundar no estado de liberdade.

Não haja, pois, receio da depreciação de capitaes immobilisados nas terras. Só se depreciam aquelles que desde já são totalmente improductivos, ou têm por unica rasão de ser o falso regimen actual do trabalho. Demais a dispersão dos nucleos não se fará na escala que se imagina.

Os actuaes trabalhadores, então libertos, hão de se estabelecer nas proprias fazendas actuaes para gozarem das vantagens de communicacão exis-

fentes com os centros consumidores, e gozarem das garantias que offerecem para a segurança individual os logares já comparativamente povoados, tirando além disso o proveito possível dos engenhos, moinhos e quaesquer machinas já feitas, e de que possam usar mediante certas condições de parceria ou de retribuição pela usura.

IV

Pelo que vae anteriormente expellido fica demonstrado que, perante a rasão, é insustentavel o regimen actual e consequentemente provado que nenhum mal resultará da emancipação.

Tractemos, porém, mais particularmente da questão no ponto de vista da economia social.

Considerando o homem como um instrumento de producção, só faz-se cabedal da sua intelligencia e das suas faculdades moraes e sentimentos individuaes ou sociaes, subordinando sempre essas considerações ao ponto de vista economico. Perante elle, nenhuma importancia tem em si mesma a intelligencia ou a bondade de um individuo qualquer, sinão em relação ao effeito que possa ter essa bondade e intelligencia na producção, consumo e distribuição da riqueza.

O economista abstrae-se da apreciação puramente moral do homem e só encherga-lhe nas qualidades ou defeitos da alma a influencia que possam ter nas relações economicas da sociedade, e este é o unico nexo de relação que têm os estudos moraes com os economicos.

Mas como a verdade é uma e indivisivel, as observações dos economistas, quando bem encaminhadas, são sempre a prova material das ver-

dades moraes, a affirmação tançível e visível do direito e da rasão.

Assim é que deante da escravidão, energicamente definida por John Wesley — *the sum of all villanies*, o economista encontra logo á primeira vista o principal instrumento da producção, o homem, reduzido á sua minima potencia productora.

De facto, considerando por analogia o homem como um simples semovente que concorre para a producção, quem não dirá que aquelle que for mais intelligente, mais sadio, mais dextro e mais estimulado por sua propria aspiração e vocação, molas naturaes da sua actividade productora, não seja preferivel ao que tiver as mesmas qualidades em menor gráu ou tiver os defeitos oppostos, como a estupidez, a molestia, a hypocondria e morosidade?

Pois bem: o escravo é por condição estúpido e ignorante, vicioso e consequentemente pouco sadio. O unico estímulo que o faz trabalhar, longe de ser interno como o desejo de augmentar o proprio bem estar e de partilhá-lo com os seres de sua affeição, mãe, mulher, filhos; é puramente externo e violento—o terror que lhe fustiga a morosidade como o acicate estimula o animal lerdo.

E note-se bem que, si esta inferioridade é sensível até nos animaes que domesticamos, e em que é de summa importancia que a sua boa vontade,

a que se chama ás vezes instincto, entre por alguma parte para ajudar-nos, pois ninguem dirá que seja tão productivo caçar com um gato como com um cão ou ir ás perdizes com um fila como com um perdigueiro, cresce de ponto a respeito do homem, cuja principal importancia, economicamente fallando, está muito mais na sua força moral e intellectual do que na physica. De facto um machinismo qualquer póde ter mil vezes mais força do que o musculo do homem, mas a intelligencia deste tem mais poder do que todas as machinas junctas, pois foi quem as inventou e fez, e quem as anima e faz mover, quem ha de aperfeiçoá-las ou fazer outras mais poderosas.

Dirá, porém, o senhor de escravos, que, embora sejam estes os instrumentos infimos dentre os da mesma natureza, são os unicos que têm a seu dispor para lhe trabalharem e que o fructo desse trabalho ainda lhe compensa muito o esforço e sacrificio que faz para empregá-los.

Observe-se primeiro, que em economia politica não se tem a considerar a vantagem ou desvantagem que um ou outro individuo possa tirar ou soffrer com certo systema de producção, mas sim a somma geral dos proveitos sociaes e particulares, que resultem do mesmo systema. Depois convém notar que o mesmo senhor de escravos engana-se na sua apreciação. Si é certo que emquanto houver escravos, difficil, sinão impossivel, é ter bons trabalhadores livres, não é menos

exacto que, desde o dia da abolição, haverá grande abundancia desses trabalhadores livres, pois não havendo mais escravos, ninguem pôde viver sem trabalhar.

Dizeis que os antigos escravos se entregarão ao ocio e ao roubo. Quando assim fosse no ocio morrerão em 3. dias, e quanto a roubarem, no campo não sei em verdade o que roubarão, si não for para trabalhar. As terras, as casas, os engenhos, os immoveis, os pés de café? Pois são estes os quasi unicos capitaes que existem nos centros agricolas, e não comprehendo bem como os roubarão, e para que os roubarão sinão para trabalhar. E por ventura não dizeis vós mesmos que toda a producção é fructo do braço escravo? Mas si esse braço pára de trabalhar no dia em que o libertarem, donde virá a producção, que elle tem de roubar, segundo affirmaes? Não, nenhum factó nos auctorisa a presuppór que os libertos terão de ser por força ociosos ou ladrões! Não é o Brazil o priméiro paiz que passa pelas provas da emancipação e a regularmo-nos pelas estatisticas de outras nações que nos precederam nesta crise, nada ha que receiar.

¶ Si em alguns Estados da grande federação americana os libertos têm perturbado a ordem publica e compromettido a segurança individual, não basta isto para aterrar-nos, pois que esses Estados se achavam em condições muito excepcionaes; os odios, recrudescidos pela guerra, tinham chegado

ao gráu extremo de intensidade, e a cubiça brutal dos libertos tinha ao alcance de sua rapacidade farto pasto para tentá-la. No Brazil, porém, nada disto se dá.

Assim, pois, podemos esperar que ao menos as duas terças partes dos libertos trabalharão e se tornarão honestos chefes de familia, concorrendo poderosamente para augmento da riqueza publica. Estas unicas duas partes produzirão desde logo muito mais do que todos os actuaes captivos, pois serão estimulados pela natureza, isto é por Deus, e não pelo chicote do feitor. Os senhores de terras, que têm estabelecimentos montados, engenhos, etc., alliviados do peso immenso e improductivo da fiscalisação, vigia e compressão dos trabalhadores, terão que exercitar e pois desinvolver muito mais as suas faculdades, pensamentos e disposição industrial; acostumar-se-hão a meliores habitos de ordem em vez dos de dissipação do actual regimen; e longe de esterilisarem-se nas improbas funcções que hoje exercem, virão a ser organs poderosos de producção. O pouco que os libertos produzirem será seu patrimonio e de suas familias e não será esparramado como hoje pela dissipação, (que é o destino de todo o dinheiro mal ganho, como o do jogo e do roubo) e nem virá consequentemente alimentar o ocio despreoccupado dos poeticos tocadores de viola do nosso interior.

Estes terão forçosamente de abandonar a rede

somnolenta em que embalam a preguiça tradicional, e estimulados pela necessidade, agulhão da Providencia, virão tomar sua tarefa na communhão do trabalho, já então nobilitado.

Todas essas intelligencias, adormecidas na seguridade do pão quotidiano, amassado pelo suor alheio, revivirão cheios de energia para inventar, melhorar e explorar os immensos recursos deste vasto e abençoado solo.

Que enormes riquezas não surgirão de todas as partes, quando a intelligencia, estimulada por uma nobre ambição, e conscia da dignidade do trabalho, consorciar-se á nossa esplendida natureza !

Tenham fé os senhores de escravos, que os prodigios do trabalho livre, neste o mais rico paiz do mundo, irão muito além dos mais lisongeiros sonhos da imaginação, e ultra-compensarão todos os suppostos prejuisos de que hoje se arreceiam, com o quinhão de felicidade geral, que lhes tocar em partilha, e principalmente com a parte que couber a seus filhos, a quem, não legando sinão uma patria livre desta miseria da escravidão, deixam de facto muito maior fortuna do que qualquer somma que possam accumular.

Para o que, observe-se que o pobre não tem hoje no Brazil meio de prosperar e de erguer-se da sua nullidade.

Elle é, e tem de ser forçosamente, o parasita do lavrador e seu dependente, pois nenhuma outra

industria vinga nesta terra sinão a lavoura, e isto não porque todas não sejam aqui tão naturais, mas porque o regimen da escravidão pelo falseamento da ordem natural, traz esse estranho resultado. Expliquemo-nos. Tudo o que o escravo produz, sendo de seu senhor e não seu, todas as necessidades desse grande numero de trabalhadores são abafadas e desattendidas, e o fructo do labor de muitos concentra-se nas mãos de um só. As necessidades de consumo deste um, concorrem isoladas para alimentar as outras industrias, em vez de concorrerem as de muitos. De fórma que á industria fabril de tecidos, por exemplo, só se pede fazendas para um e não para cem, ao sapateiro um só sapato em vez de cem, ao padeiro um só pão em vez de cem.

E' verdade que as industrias sumptuarias tem a procura do luxo; mas essas não são ainda capazes de acclimação no paiz e nem seria para desejar que o fossem.

Desta fórma o fructo do trabalho escravo só alimenta a peor industria por ser a mais corruptora e improductiva, e só dá proveito ás artes estrangeiras e não ás já nascentes do nosso paiz e ás que de futuro hão de nascer sob a vara magica do trabalho livre. Extinga-se, entretanto, a escravidão, desapareça o regimen violento e anti-natural da actual producção, distribuição e consumo; aquelle que nascer pobre, terá na aptidão natural com que se sentir dotado, um cabedal rendoso

para ir fecundar as industrias já creadas e prosperas, concorrendo assim para o augmento do bem geral, e ganhando para si no meo da independencia, da honra e da liberdade, uma posição digna na sociedade. Esse pobre do futuro será de certo mais rico do que o *rico actual*, pois o seu quinhão no patrimonio social commum será tal que não o podem hoje garantir as maiores fortunas, a certeza de achar sempre trabalho honesto e remunerado. A civilisação, o progresso da sociedade e da humanidade são o thesouro commum, imprecivel em que temos todos um quinhão muito mais valioso do que geralmente se pensa por falta de reflexão. A descoberta da bussola deu ao mundo e ás classes mais pobres do seculo actual as vantagens e os gozos das viagens de longo curso e a posse de um outro mundo virgem com bellezas, recursos e gosos, que não poderiam comprar todos os thesouros dos Cresos da antiguidade. O vidro, que hoje está ao alcance da mais modesta pobreza, permite, até ao mendigo, o gozo do bem supremo da luz do sol em todo o seu esplendor em horas, dias e mezes, em que era por força privado dessa ventura o luxuoso Lucullo romano.

A imprensa leva ás intelligencias dos mais pobres nestes ultimos seculos o sol da sciencia, cujos raios, ainda os mais frouxos, custavam, nos tempos idos da estudiosa Athenas, fabulosas sommas, despendidas nas custosas viagens para consultar os eruditos papyros e os registros sam-

scriptos e hyeroglyphicos da sabedoria egypcia e indica.

E o vapor e o telegrapho tornam o mais humilde particular de hoje mais verdadeiro senhor e dominador da terra e mares do que os Alexandres de todos os tempos o foram com os seus custosos exercitos e conquistas.

Trabalhae, pois, todos para o progresso e engrandecimento do mundo, certos de que *res vestra agitur*, e dominados pelo espirito evangelico, que é a verdade, estejamos certos de que a grande sabedoria é amar ao proximo pelo amor de Deus.

Do bem que fizermos resultará o nosso proprio bem, e o bem geral que é o culto verdadeiro de Deus: o amor de Deus no amor das suas creaturas.

V

Tendo considerado o facto da escravidão no ponto de vista moral, sentimental, philosophico e economico e tendo-o sempre visto á luz de quaesquer dos raios do sol da verdade, ali : monstruoso, horrendo e revoltante, aqui : absurdo e ruinoso, não é menos certo que não encaramos a resolução do problema da emancipação nem religiosa, nem politicamente.

Em verdade, repugna a uma consciencia christã refutar essas sacrilegas tentativas que se tem feito de aviltar o proprio Deus para fazê-lo cumplice da escravidão ou quiçá seu patrono.

Noé decreta a maldição da descendencia de um de seus filhos ; Christo recommenda fidelidade e obediencia ao escravo, humanidade e brandura ao senhor ; S. Paulo escreve uma carta de padrinho em favor do escravo Onesimo, e o reenvia a seu senhor, e eis que os commentadores da sublime religião da charidade e do amor do proximo fulminam, em nome do Deus que amaldiçoou sete vezes a quem fizesse mal a Caim, e que mandou seu filho tragar até as fezes o calice das amarguras de todos os homens, e tomar a si todos os seus peccados e remi-los, em nome do apostolado da charidade, que o cordeiro

de Deus lhes incumbiu no mysterio immenso da eucharistia, fulminam e anathematisam os que advogam a causa da remissão dos captivos, aquelles que ousam, segundo elles affirmam, « ser mais justos do que se deve e mais sabios do que a sabedoria da lei escripta, abandonando a palavra infallivel de Deus pelas fallazes imaginações e doutrinas dos homens ! ! »

Não ! a alma estremece de horror deante de semelhantes aberrações da consciencia dos ministros de uma religião de amor, liberdade e charidade e, si detem-se um instante em contemplá-las, é para assignalar aos desprevenidos o perigo de se abandonarem a um erro e de se deixarem fascinar pelas fallazes vantagens das obras de Satanaz.

Politicamente não dissemos uma palavra a respeito do grande problema, porque nosso intento unico até aqui foi o de propaganda. Só visamos o escôpo de ganhar o pleito da liberdade e da humanidade no tribunal da consciencia, no foro intimo das convicções.

E' á consciencia e á convicção dos mesmos senhores de escravos que fallamos, quando buscamos provar que ha mais infamia e vergonha, si bem reflectir-se, em possuir um escravo, ser senhor ou traficante de negros, ao sol da publicidade, com toda a segurança e tranquillidade do consentimento geral e da protecção das leis, do que em ser esbofeteado na rua, ou prezo em flagrante delicto de furto ! Foi ainda á sua consciencia e



convicção que fallámos, referindo-nos ás vantagens sociaes que resultariam da abolição da escravidão, e sobretudo foi á sua convicção fria e reflectida, que nos dirigimos, quando affirmamos que o amor da patria e da familia, o interesse de ambos, e o proprio interesse, tudo tinham a ganhar com a emancipação.

Não encarámos a questão pela face politica, isto é, não nos puzemos no ponto de vista do estadista, que indaga, e deve indagar, si tem titulos para tocar na instituição, si tem auctoridade legal para o fazer, si tem a força precisa para levá-la a effeito, e vencer as resistencias; que pesa os males immediatos com os bens immediatos e futuros, estuda miudamente todas as condições do estado e atmospheria social e pesa, discute e escolhe os meios mais proprios e opportunos para, pelo methodo mais suave, chegar ao seu fito.

Não; nada disso fizemos: encarámos a questão de alto; e a isso fomos levados pela convicção que externamos logo ás primeiras linhas destes artigos.

De facto estamos persuadidos de que ainda não se tem pensado maduramente no monstro que devora o seio da patria, e menos no modo de convertê-lo em instrumento de paz, de amor e de prosperidade para a nossa terra. E a esta triste crença leva-nos a attitudo do governo por uma parte e das reuniões e grupos opposicionistas por

outra. O governo parecendo abolicionista não o é absolutamente, antes é o representante de vontades postas a soldo de uma causa que defendem sem conhecer, sem amar e sem comprehender, como mercenarios suissos batendo-se sob bandeiras estrangeiras.

Propõe a emancipação do ventre, como que dando um recado alheio, revellando em tudo que não sabe porque prefere este a outro meio; demonstrando, a cada passo, que não comprehende o alcance da revolução social em cuja reforma acha-se empenhado casualmente, por força de alguma intriga de bastidores, ou antes, de reposteiros.

Dahi provêm que, em vez de defenderem a medida com argumentos solidos, que busquem sua força na unica origem que podem ter: a convicção e demonstração de que a reforma no systema do trabalho ha de trazer abundantes resultados economicos, politicos e sociaes do mais solido alcance, levam a sustentar e encarecer o merito da perspicacia mais ou menos subtil de que deram prova para adivinhar a opinião publica de um paiz onde não ha opinião, e a justificar, com mais ou menos successo rhetorico e sophistico a causa propria do seu espirito de coherencia e probidade politica, independencia de character, etc., etc.

De outra parte o opposicionista de dentro e de fóra dos circulos politicos, tambem colloca a questão no mesmo terreno, desmancha com a

mesma subtileza as tês subteis em cujo centro se balança a vaidosa sufficiencia do preopinante, incha as bochechas para alardear as qualidades que nega ao adversario, asseverando mesmo que as possui em muito mais alto gráu, toca a rebate contra Catilina, que já não bate ás portas de Roma como outr'ora, mas bate dos portos da America ; e, demonstrando-se em tudo alheio ao grande e grave problema de que se tracta, assevera ser mais abolicionista do que os abolicionistas, dando, entretanto, a ver claramente que ou está contraminando a intriga politica, ou está convencido de que a escravidão é o modo de ser natural a que o Brazil está condemnado para todo o sempre.

O governo falsea o seu papel de representante do Estado, e natural garante de todos os direitos sociaes e individuaes sem excepção ou preferencia de nenhum, não legitimando perante todos esses interesses a oppurtunidade de sua iniciativa. Longe de, á luz dos grandes principios apasiguar todos os receios, garantir todas as naturaes e legitimas aspirações da sociedade, e de seus membros individuaes e collectivos, longe de demonstrar que nada ha a receiar nem da opposição e repugnancia, nem das aspirações, desenganos, impaciencias, ignorancia, má vontade e vicios dos immediatamente interessados na momentosa medida, esgota esterilmente o tempo em futil esgrima que só interessa individualidades accesas nessa de-

gladiação dialectica, cujas chispas ateiam odios, que entumecem ameaçadores no coração do paiz, enquanto assim se malbarata o tempo mais precioso, e se desmoralisa a mais sancta e grandiosa de todas as causas.

Outro governo, impellido por convicções proprias, outros verdadeiros homens de Estado, dominados do sancto amor da patria e da liberdade, no calor de suas almas encontrariam o fóco da irradiação de luz, que levaria a verdade e o socego a todos os espiritos e lhes illuminaria o futuro cheio de promessas, que não illudem, quando se trilha com passo seguro a estrada larga da verdade e do bem, da sinceridade e do justo.

Esses demonstrariam, com a evidencia do axioma, que o paiz, regenerado da escravidão, terá de marchar ovante na senda das liberdades e do engrandecimento pelo despertar das actividades, energias e iniciativas de seus filhos, hoje adormecidos á sombra da mancenilha africana; mostrariam a nossa ascensão ao cume da prosperidade por degraus de conquistas incruentas e gloriosas, como a do franqueamento immediato de nosso seio; á fecundação de uma immigração intelligente e laboriosa, a garantia da liberdade religiosa, a do casamento civil, a da liberdade do ensino e obrigação do estudo, a de liberdade de associação e de industria e mil outras, seguindo-se a esse primeiro desprendimento do nosso espirito do grande preconceito tradicional da escravidão,

que nos aleija o senso natural e nos priva da faculdade de pensar, sentir e querer.

Por outro lado, si os opposicionistas fallassem em nome de uma convicção, mas não mascarando-se e contorsionando-se para sustentar, bem ou mal, um falso interesse, que julgam ameaçado, replicariam ao governo em outro tom. Por ventura lhe negariam o direito de iniciar a reforma; negalho-hiam mesmo á nação em massa!

Objectar-lhe-hiam que a propriedade é um direito natural, que não pôde ser supprimido por lei civil, obra do homem. Sustentariam que o negro é um animal como qualquer outro, sujeito a ser arrancado da selvajaria e das trevas do paganismo para ser beneficiado com a domesticação, e encaminhado para o céu pelas aguas lustraes do baptismo, e que pois devêra até abençoar a escravidão e o senhor. Mostrariam que o trabalho do escravo é o mais barato e o que melhor retribue ao proprio trabalhador e ao proprietario e capitalista. Dariam o grito de alarma para despertar o espirito de ordem e conservação das sociedades civilizadas contra a vertigem e turbilhão reformista, que dizem ameaçar sorver todas as instituições no chaos medonho da anarchia demagogica, que ousa erguer o pendão do direito. combater a tradição, atacar um privilegio consagrado pela sabedoria dos seculos.

Poriam em processo a liberdade para condemná-la, em nome de todos os despotismos theocra-

ticos, autocraticos e democraticos, quete m illustrado a tela secular da historia. Colligiriam todos os abusos antigos e modernos, assignalariam todas as convulsões e estertores dos opprimidos, blasphemando, convulsando ou reagindo contra a tyrannia, desde Moysés, assolando o Egypto de pragas para poder escapar para o deserto, até Felix Piat brandindo o archote incendiario, cahido das mãos de Nero, e fulminariam a liberdade em nome da historia convertida em libello accusatorio da philosophia e da rasão ! Nem podéra ser de outra maneira. A causa, que hoje se agita, é a causa eterna, o processo antidiluviano da liberdade.

Opponde-vos a ella, mas em nome da tradição, da historia, da auctoridade sacerdotal, militar e aristocratica. E vós outros defendei-a em nome da philosophia, da rasão, do direito, da religião, da justiça, da verdade, de Deus em summa ! Campeões de principios oppostos, combatei sem tregoas embora, e de viseira calada, mas não occulteis os vossos mottes de guerra, as divisas dos escudos, que vos cobrem desde que entrastes na grande liça da historia !

Entretanto, que triste espectáculo !

O governo defende o seu projecto, não em nome da liberdade, que não conhece, e que não é a dama de seus pensamentos por quem vestiu a armadura de guerra.

Defende-o em nome de um interesse occulto, e

com argumentos que servem para sustentar a adoração de todos os fetiches na bocca de todos os bonzos.

Sustentam a liberdade do ventre pelo methodo caprichoso com que se discute questões de amor proprio.

Si tivessem fé na liberdade, nos grandes principios liberaes, preoccupar-se-hiam, não com o satisfazer mais ou menos cabalmente interesses individuaes, que falsamente se julgam unicos ameaçados, mas procurariam chegar ao regimen da liberdade sem mistura, o imperio do direito em sua pureza, e da verdade em sua fecundidade, o mais breve possivel e com o minimo encargo para o thesouro e sobretudo para a nação. E, visando este resultado, procurariam sem duvida satisfazer equitativamente todas as exigencias mais ou menos fundadas, que o terror exagera.

Assim, por exemplo, atacam a decretação do ventre livre duas turmas de opposicionistas que, partindo de pontos oppostos, chegam a um ponto commum de aggressão.

Dizem uns:—Si não daes sufficiente indemnisação pelo fructo do ventre livre e não tendes força para com este incentivo e com alguma sancção legal obter que os nascituros sejam creados ao menos nos 7 annos da primeira infancia e maxima fraqueza, a vossa medida é execravel e equivale a um decreto de Herodes ;

dizem outros : ainda com a maxima indemnisação, impondo-nos a obrigação de crear ingenuos ou libertos, capazes de direitos, ao lado dos captivos, que não têm nenhum direito, não podemos acceitar a vossa medida, por equivaler a um decreto de morte contra nós; ameaçados de continuo pela insobordinação que ha de por força fazer fermentar no seio da escravidão esse levedo de liberdade e independencia dos libertos seus filhos. Em vez de reconhecer estes argumentos, que são homenagem aos principios liberaes, e de que só por necessidade usam os oppressores nos apuros extremos da argumentação; em vez de abundar o governo no mesmo sentido, e accrescentar que :—visto ser de alta inconveniencia que o nascituro seja amamentado por leite escravo, e cresça os primeiros impressionabilissimos annos no seio da escravidão, pervertendo a alma nascente com o espectaculo depravador da immoralidade dessa condicção, e arriscado a atrophiar-se completamente e gastar os seus primeiros annos de vigorosa adolescencia na atmospherá impura do captiveiro, si o senhor optar pelo seu serviço, convém alforriar desde já as mulheres, que estão no caso de ter mais probabilidade de virem a ser mães, mettendo-as desde logo no direito commum; não ; muito pelo contrario, nega, em nome de não sei que theorias, mas não de certo inspirado pelo liberalismo, a procedencia da argumentação, treme, vacilla e recua deante de um sacrificio

maximo de 8.000 contos annuaes, a que tão sómente se elévariam os juros das apolices a emittir para indemnisar os possuidores dessas futuras mães, e nem vendo que é este o mais natural meio de começar a regeneração dos escravos, iniciando no uso da liberdade os melhores, os mais doceis, mais brandos, mais civilizados dos da desditosa classe, e que virão a ser, por lei natural, a eschola para os que forem de futuro resgatando e para os nascituros a quem no regimen actual espera no berço o captiveiro perpetuo ou a morte, e no da proposta, a morte, a depravação e o captiveiro temporario ; longe de confessar a economia dessa medida complementar do ventre livre, que evita as incertezas das indemnisações futuras, torna impossiveis as perturbações receiadas dos libertos nos estabelecimentos de escravos, desencarrega o thesouro do onus eventual de asylos, recolhimentos e mil outros sorvedouros inuteis e carissimos, que só servirão para desenvolver a já crescida sêde de empregos, que reina na mocidade brazileira, como que julgando offendida a sabedoria olympica do ventre livre solta altos brados de fingido horror pela allegada monstruosidade de ser a mulher livre quando o marido é escravo, como si o legitimo bem de um e o seu inconcusso direito pudesse ser o mal do outro, e, condemnando a liberdade da mulher em nome da escravidão do marido, com o falseamento completo de todo o

senso juridico, recua espavorido deante de uma cifra de gastos, que chama enorme sem dar-se ao trabalho de calculá-la.

E note-se que n'uma questão de direito e de bem estar social legitimo não se olha a cifra do preço monetario que custa.

Si a nação soberana, devidamente representada, entende e julga que não deve mais consentir que alguém nasça escravo neste paiz, indemnisem-se os que forem prejudicados por esta medida, si a tanto tiverem direito, mas nas forças dos recursos da nação e não além; mas não podeis perante um principio legitimo de honra nacional, e mais principalmente deante da garantia de um direito e do exercicio de um dever, recuar ante cifras e sacrificios quaesquer.

E onde estará o attentado contra a propriedade, dado que se tracta no caso de propriedade, si a indemnisação não fôr sufficiente?

Não tem a nação o direito de lançar tributos e não os lança de preferencia nesta ou naquella mercadoria, attendendo a varias condições de facilidade de arrecadação, e não os lança mais pesados nestes generos do que naquelles? Pois bem: essas differenças entre os preços de venda e os de indemnisação, representarão o tributo imposto sobre os possuidores de escravas em idade proli-fica.

O governo si se inspirasse em amor da liberdade, e tivesse fé na politica liberal e grande, não

julgaria que a liberdade do ventre é a ultima palavra da sabedoria divina, transfusa no cerebro humano na questão da liberdade, antes veria que si é de veras a base essencial, como se não pôde negar, no ponto de vista do liberalismo, pôde entretanto, e deve ser circumdada de medidas e providencias concumitantes, que longe de annullá-la, a tornem mais estavel, mais practica, mais fecunda, socegando o justo sobresalto das almas charidosas, e os, talvez fundados, receios dos actuaes senhores, obrigados a viver numa atmospherã mais agitada e electrica do que a dos velhos odios e oppressões em que viveram até aqui.

Compreenda o governo esta verdade e siga esta sabia politica de, cada vez que lhe hostilizarem as vistas liberaes, demonstrar que o mal está na insufficiencia da dóse de liberdade distribuida, e verá que seus planos se justificam e se tornam mais coherentes e inatacaveis e que seus oppositores recuarão derrotados pelas suppostas victorias.

Quando os opposicionistas se dizem abolicionistas tanto ou talvez mais do que o governo, é preciso tomá-los ao serio e arrancar-lhes concessões sob pena de os enchotar violentamente desmascarados por entre as apupadas da opinião publica.

Mas para tanto requer-se fina tempera liberal, vistas largas e animo largo, e não um ministerio que esteja representando o papel de não sei que

animal da fabula mettido na pelle do leão! E' assim que argumenta tenazmente contra a liberdade conferida *de chofre* a 200.000 mulheres, e horrorisa-se deante desta immensa acquisição para a sociedade dos livres! Duzentas mil mulheres moças, validas, capazes de serem mães, tiradas da escravidão do campo para virem se corromper e corromper as cidades! Jesus! exclamam horrorisados os pseudos-apostolos da liberdade e bemzem-se tres vezes! O espirito se perturba e cahe em vertigem deante de tanta incoherencia dos reformadores! Por Deus! Quereis ou não quereis a liberdade?

Prova-se que tendes os meios para resgatar desde já da escravidão 200.000 das mais interessantes e das mais importantes victimas do mal e fazedes assim o mais decisivo ensaio, ou antes, demonstração da superioridade da vossa politica e systema de trabalho, e recusaes a medida e a concessão em nome do amor dos maridos das poucas que ligam os frouxos laços de um impio simulacro de casamento; e calumnias a liberdade, que se vos affigura mais propria para a depravação dos costumes á luz das povoações e no fóco da aspiração social de fundar familia, do que a propria escravidão, nas sombras despoçadas dos cafesaes, sob o bloqueio permanente da violencia, do desespero e da sêde impura de gozos carnaes, congenere com o estado da escravidão!

E como haveis de defender uma reforma liberal do maximo alcance, vós que assim vos mostraes quasi tão liberaes como o tronco, os ferros e os açoites da escravidão; vós que tremeis de susto deante da idéa de gastar 8.000 contos por anno para declarar livres essas 200.000 mulheres, deante das quaes pretendeis que não poderá subsistir o resto desta população de 10 milhões de habitantes em uma extensão de 5 milhões de milhas quadradas, sem que a atmospherá se corrompa e se envenene com o respirar desses pulmões, hoje innocentes, graças á oppressão que os força a gemer e suspirar como medida de hygiene moral?

Entretanto permanece de pé a esphyngé temerosa da escravidão impondo solução ou morte!

Emquanto o governo, inepto e incapaz, perde o tempo e desmaia e vacilla, porque não tem fé; enquanto a opposição grita como os selvagens nas horas de eclipse para afugentar o monstro imaginario, a agulha muda do tempo caminha lenta, mas incessante a apontar a hora da redempção no quadrante da historia! Todas as bagatellas que accumulaaes para vos oppordes á maré que sobe, e erguerdes vossa impia Babel, só vos leva á confusão das linguas, que começa já a apparecer.

VI

Ouvi: — Si não entrarmos todos de boa fé na senda da liberdade, não haverá salvação possível. E' força que sejamos do nosso seculo, que busquemos de boa fé a verdade, que não confiemos no sophisma, que proclamemos o direito sem reservas mentaes, e reconheçamos as leis da natureza, não para contrariá-las, mas para com ellas harmonisarmo-nos e alliarmo-nos sem tergiversação e sem temores.

Querer viver ao envéz das leis divinas, é para as sociedades como para os individuos o absurdo punido com a pena capital. Estejamos firmemente convencidos de que o direito ha de vingar e vencer todos os obstaculos. Sejam, pois, seus paladinos e não seus antagonistas, sinão quizermos ser esmagados.

Si a iniciativa individual tomasse a si a resolução heroica de abrir mão dos suppostos direitos, que cedo lhe serão arrebatados pela força irresistivel da expansão do espirito humano, que immensas felicidades não colheria a patria! Sinão um, mas todos os possuidores de escravos, dentro de um anno ou de dous, fossem convertendo os captivos em trabalhadores livres, escolhendo os que se harmonisassem com suas indoles e habitos,

e com os quaes pudessem contar, e desfazendo-se dos demais, que indo parar em outras mãos poderiam encontrar o mesmo resultado, nenhum abalo, sinão o de um augmento infinito de prosperidade, resultaria da transição. Mas com este systema de opposição e resistencia, com a mal encaminhada intervenção do poder legislativo social, vindo a liberdade como decreto e quasi palavra vã, que não corresponde a realidade alguma, sinão num futuro remoto de mais de 50 annos, quasi invisiveis serão esses beneficios e muitos e assignalados os males desse intervallo.

Nenhuma aspiração é de prompto satisfeita, e nenhuns terrores acalmados.

A sorte dos filhos dos escravos será mais que precaria, e a dos actuaes captivos como que entenebrece, depois que lhes deslumbraram os olhos d'alma com promessas que mentiram, e os mergulharam de novo na noite eterna da sua desesperação—a dos senhores se agrava de novos riscos a correr, e com o augmento do odioso da sua posição.—A sorte da lavoura em nada melhora e nem as industrias se erguerão do estado menos que embrionario em que jazem ; nenhum ensaio de trabalho livre se inicia ; os encargos do thesouro augmentam deante da estagnação forçada, em que o paiz é abysmado por um praso mais ou menos longo.

A grande causa da liberdade cahe consequentemente em certo descredito e abatimento, e este

é o maior de todos os males, a crêr que as cousas devam se passar pela fórma por que os decretos determinarem.—Mas não será assim, feliz ou infelizmente. O desacerto das precauções meticulosas de uns, dos sustos e má vontade de outros, do sordido espirito de mal entendidas economias de quasi todos, darão em resultado a explosão infalível dos successos na hora e pela fórma menos esperada, custando perigos, dôres e sommas de dinheiro e vidas muito maiores do que se pôde prever.

Ai da nova Gomorra que tiver insultado os emissarios do céu, despresando-lhes os avisos! Será, sinão sepultada em fogo e sangue, ao menos purificada no sangue e pelo fogo!

Fóra da lei não ha salvação; façamos, pois, á lei oblação de todos os falsos interesses que nos seduzem. Sinceramente convencidos da falta de direito que temos de possuir escravos, e certos de que lhes assiste todo o direito á liberdade sem obrigação por parte delles, mas, quando muito, por nossa parte, de indemnisar os chamados senhores, indaguemos, só e unicamente, com espirito integro, como e quando devemos ir modificando a situação, sem riscos para os sagrados direitos de todos e cada um á segurança individual e de propriedade, e á tranquillidade publica, que é a sua primeira e mais efficaz garantia, e o mais precioso bem commum do patrimonio social. Quanto mais nos imbuirmos destes são princi-

pois, menos difficuldades e menos perturbações encontrará a solução do problema.

Mas si, em vez destes, quizermos justificar a triste asserção de Machiavel de que o homem perdoará a quem lhe arrebatou o pae, a mulher, os filhos, mas não a quem lhe roubar um palmo de terra, si fôr certo, como elle affirma, que então não haverá mais esquecimento nem perdão, nem misericórdia e que enquanto tiver alma, para odiar e voz para bradar, odiará e bradará por vingança !....

Si tal fôr a triste verdade, e si é certo que quem se julga ameaçado no que crê seu interesse, pensa, vê e sente exclusivamente, pelo prisma desinteresse real ou imaginario, e nelle, só nelle, se inspira, então ai de nós ! ai do Brazil ! quando todos esses interesses falsos, energica e porfiadamente defendidos pelos sophismas, embustes e pelas mil suggestões da argucia, forem se esphacelando, ao atricto da idéa e ao choque da verdade ! Que tempestades de odios não se desencadearão ! Que ensanguentadas tragedias não confundirão na mesma ruina os máus e os bons, as victimas e os algozes !

São estes precisamente os males que convém evitar ; e só o conseguiremos cedendo sempre e sempre terreno á verdade e á liberdade, e aquietando, com equitativas concessões esses susceptiveis e irritadiços interesses, que cegam e hallucinam o entendimento.

A timidez nestes assumptos, chamem-na, muito embora prudencia, será sempre a mais acentuada temeridade. Não se olhe a sacrificios para o grandioso fim. A liberdade restituirá em dobro o preço de seu resgate ou mesmo de sua conquista, que muito mais custaria.

Quando nos Estados-Unidos os grandes estadistas, que a historia condemnará, oppunham o argumento da cifra contra o direito á liberdade de milhões de creaturas, não imaginavam por certo no que veio a custar a formidavel guerra civil mais gigantesca e assoladora e porfiada de que ha memoria; e entretanto, que feridas não tem cicatrizado a mesma liberdade, em cujo nome foram abertas?

Nenhum passo dá o progresso, que não pareça esmagar alguma planta, mas do rastro luminoso desses passos surgem os thesouros fabulosos da civilisação. E' do detricto das gerações mortas que em todos os reinos da natureza surgem as mais grandeosas e adeantadas gerações vivas. Da morte a vida se alimenta. A apparente destruição é reproducção; e o mesmo se dá nas sociedades. Nenhum engrandecimento, nenhum melhora-mento social floresce sem o sacrificio fecundante de algum outro bem adquirido. Não se chega ao desenvolvimento da adolescencia sem perder as graças da infancia; as machinas aperfeiçoadas inutilisam as mais atrasadas, o vapor prejudica o barco de vela, as estradas de ferro roubam a fre-

guesia, o trafego e movimento commercial de umas localidades, que empobrecem, em favor de outras que enriquecem, e assim por deante. Que muito, pois, haverá de estranho que uma certa deslocação de vantagens e certo máu estar para alguns, resulte do grande facto da emancipação? Essés interesses sacrificados são o preço commum de todos os progressos, e outros não menores e nem menos allegaveis soffreram os armadores e as feitorias com a repressão do trafico.

E por tocarmos nisto, notaremos que o Estado, que aliás muito gastou com a repressão desse abominavel commercio, o paiz que soffreu mil humilhações e vexames por amor desse hediondo negocio, não se lembrou jámais de pedir indemnisações aos senhores de escravos, pelo augmento repentino de valor que da abolição lhes resultou para os seus negros, não por acto seu, que a isso dêsse motivo, mas unica e exclusivamente pelo acto da repressão.

Oh! si neste processo de reclamações dos interesses sacrificados quizesse-se oppôr excepções e reconvenções!.....

Já não fallando no direito de retaliar, que assistiria a todos os escravos, mas sómente na satisfação do damno causado ás victimas dos crimes (ainda não prescriptos porque perduram) de reter na escravidão africanos importados de 1831 para cá, de que lado estaria o saldo creditorio?

Convençam-se os senhores de escravos, que a

sua supposta propriedade não é um direito, mas o contrario exactamente do direito, isto é, o abuso e a violencia.

Nenhuma lei, nenhum consentimento ainda universal e unanime póde abrogar o direito absoluto, e derogar a natureza, desthronisando Deus do céu e a razão da terra.

Defendam os seus interesses como interesses. Peçam á sociedade compartilhe dos prejuizos individuaes, que cada qual soffre com a restauração da lei eterna violada por um tempo, mas não invoquem o direito em defeza da oppressão e não concluam, em nome da razão, pelo aniquilamento do depositario della, o homem.

VII

A propriedade é sagrada, dizeis. Sem duvida que a propriedade o é; a propria posse, a simples detenção casual e temporaria da cousa, origina direitos muito respeitaveis. Mas propriedade presuppõe sujeito e objecto. Subjeito com justo titulo, e objecto apropriavel. O homem livre domina e apprehende a natureza, impõe-lhe o seu sinete, fazendo do objecto como que a projecção da sua personalidade; eis o primeiro e unico titulo da aquisição primitiva. Em seguida a esta, vem o direito, já menos absoluto e individual, porque já depende de outrem, de transferir por qualquer titulo seu producto.

Desde ahí começam as limitações civís, resultantes das condições intrinsecas e extrinsecas dos contractos; a prelevação de impostos, as normas reguladoras da capacidade hereditaria e testamentaria, activa e passiva.

Em todas as sociedades primitivas ou civilizadas o cessionario alguma vez recebe a propriedade modificada e mutilada pelos onus e encargos da transmissão, nunca, porém, dá-se o contrario, isto é, nunca seus direitos excedem os do primitivo possuidor. Ora bem: quem foi esse primeiro proprietario legitimo, e a que titulos reduziu elle

á sua propriedade um homem? Todos responderão que a força e a violencia, o abuso e a iniquidade, a negação absoluta do justo e do direito foram esses titulos primitivos, pois que o homem, sujeito da propriedade, não póde ser objecto della e a razão affirma que as relações licitas de homem a homem são só as de direito e não as da força.

Pois bem, esses mesmos titulos não se podem legitimar e fortalecer pelo facto da transmissão: e o direito, que o primeiro não teve, não póde ser consequentemente transferido a terceiro possuidor. Imagine-se uma associação de malfeitores constituidos em força e combinados por accordo, a que chamem suas leis, a fazerem do saque e do roubo sua profissão e vida social. No dia em que uma parte dos membros dessa associação assentar de voltar para a esphera do direito e decretar para si e seus consocios a restituição dos objectos roubados, julgaes que deva alguém ser indemnizado dos damnos emergentes e lucros cessantes provenientes da restituição? Ninguem o dirá.

O abuso não gera direitos, sinão deveres. Demais, reflecti que a lei não vos impoz a obrigação de possuir e adquirir escravos, apenas consentiu na impunidade desse crime, quando o offendido fosse africano ou seu descendente. E isso mesmo não em virtude de nenhuma disposição legal directá, mas, quando muito, pelo reconhecimento, em certas disposições civis e commerciaes, do facto da existencia de creaturas consideradas es-

cravas. Era, é e será sempre crimê ter alguém em escravidão, mas a legislação penal era omissa em defini-lo em certos casos e mais omissos os executores das insufficientes disposições legais. Si, prehenchendo hoje esta lacuna, o legislador decreta certa pena para tal crime, será por ventura obrigado a indemnisar os que allegarem as vantagens que lhes provinham da practica habitual do delicto? Imaginemos por hypothese: A legislação hypothecaria preexistindo á lei que declarou ser crime a hypotheca do immovel já anteriormente gravado, seria alguém recebido em demanda de indemnisação pela privação em que ficasse do direito de hypothecar immoveis já hypothecados? E digam-nos mais, em boa fé, visto como discute-se hoje mais principalmente a chamada liberdade do ventre, em que lei assenta o imaginario direito de reduzir á escravidão os filhos de escravos? No axioma (assim se chama entre os rhetoricos qualquer banalidade escripta em latim) de que o parto segue o ventre, o accessorio ao principal e outras quejandas filigranas em que se pretende estribar o mais insustentavel de todos os suppostos direitos, quando semelhantes argumentos não seriam recebidos em falta de lei expressa para conferir ao visinho de um predio direito para assombrar com os ramos e fructos de sua arvore o predio alheio, e menos para impedir que o dono deste lhe corte os ramos, fructos e accessórios da sua arvore principal invasora.

Reduzir á escravidão o recém-nascido é acto do senhor da mãe e não da natureza e nem da lei. É um abuso, que tem sido tolerado, vista a impossibilidade de garantir as infelizes creaturinhas contra o abandono completo e infallivel que importaria em morte certa. Independente de nenhuma reforma legislativa ou interpretativa podia ter vingado entre nós a jurisprudencia de não se considerar captivos os filhos dos escravos. Não ha negá-lo. Assim pois sejamos cordatos, não invoquemos o auxilio do direito para sustentar a força, a oppressão e o crime. O direito não nos póde soccorrer; e nem levanteis altos brados contra o supposto ataque á propriedade, pois nenhuma mais sagrada do que essa que atacaes na pessoa do pobre negro, a do homem sobre si proprio, sobre seus braços e seu trabalho, de cujos fructos sois não só partilhadores communitas, mas exclusivos usurpadores. Nós os mantenedores do direito eterno e inconcusso, somos os vossos proprios defensores e protectores do vosso e nosso direito de propriedade, defendendo-o do abuso que em seu nome se commette e buscando lavar o direito da mancha do facto. A falsa applicação do direito de propriedade é a unica fonte de desprestigio e compromettimento em que póde cahir, ao ponto de vir a ser negado, em odio ao facto que d'elle se diz originario. Não confundamos, pois, o facto da posse, a violencia tolerada, consentida ou mesmo acoroçoada pela lei, com o

direito inviolavel e sagrado. Sinão o saque será, em nome de Aristoteles e do seu tempo, justo-meio de adquerir ; a repartilha das terras, de 50 em 50 annos, será direito em nome do jubileu da lei hebraica ; o escravo e o cavallo do vizinho serão a propriedade de todos os cidadãos de Esparta em nome de Lycurgo ; finalmente a antropophagia dará direito a salmourar as carnes e engarrafar o sangue dos vencidos para não offender a lei e a propriedade dos bravos aymorés.

O direito de propriedade tem limites de onde não póde exorbitar sem degenerar em violencia e, si por um cego e supersticioso culto do facto consumado, somos levados a conferir charater sagrado á cabelleira escarpellada do craneo de um inimigo, e a punir como um attentado que se toque num fio siquer do sanguinolento trophéu que o botocudo suspende triumphante á roda da cintura, pelos dictames claros da razão somos impellidos a reagir contra a pretensão de um homem ou de um povo de avassallar o oceano, encadear a atmospherá ou usurpar e sequestrar para si qualquer dom gratuito com que a natureza tenha brindado a universalidade de suas creaturas. Entretanto nem esses attentados são mais revoltantes do que pretender escravisar um ser pensante, um irmão de Jesus Christo a quem impiamente ensinamos a dizer com nosco :—*Padre nosso que estaes no céu ! Não nos hallucinemos com um erro que parece commodo ter como verdade, não :*

estejamos certos de que a grande, a maxima defensão de um direito qualquer, consiste na affirmação e defeza de todos e cada um dos direitos do homem e na estigmatização e repulsa de todos os abusos e attentados. O maximo bem resulta do maximo conhecimento da verdade, que é o modo de ser do espirito como a natureza é o modo de ser das cousas.

A marcha da humanidade a que se chama progresso é um constante caminhar para a luz da verdade, bem como a marcha do mundo o é em torno do sol, nos infinitos do tempo e do espaço, que giram em torno de Deus !

Todo aquelle, pois, que testemunha pela verdade obedece e serve ás leis de Deus, ao passo que se alista nas legiões do Grande Rebelde aquelle que lucha contra as leis phisicas ou moraes da natureza ou da rasão.

Bem sei que me objectarão com a omnipresença do mal na historia sob mil fórmas produzindo sempre o bem. Não temo a procedencia do argumento até que me possam provar, que maiores e melhores não seriam os fructos da vida da humanidade si houvesse sido outra a sua historia. Que o bem brote providencialmente até do mal, adoremos a infinita bondade do Creador, mas concluamos em favor do bem e não do mal, sendo aquelle a correccão deste. Não indago si com rasão, mas é costume asseverar, que da attentatoria empreza das cruzadas resultou a quêda da omni-

potencia aristocratica por uma parte e a confraternisação de varios povos por outra, e dahi costuma-se concluir em favor das vantagens do supposto direito de levar os horrores da guerra aos infieis, chega-se ao ponto de cannonisar por semelhante titulo um despota senhor da França, que, em busca de falsa gloria, lá foi morrer de peste nas terras invadidas.

Mas ha nisto uma inversão de idéas. Devêra-se concluir sómente que a quêda da omnipotencia aristocratica constitue um bem ou a attenuação de um mal preexistente, e que a confraternisação dos povos é ainda outro grande bem, a que a Providencia permittiu se chegasse a despeito do mal, que os homens se fizeram inutilmente em virtude de falsos e iniquos principios e crenças impias.

Diz um conto oriental que um homem justo encontrou um thesouro ao cavar os alicerces da casinha que tinha de construir para substituir seu palacio incendiado com toda sua fortuna.

Deveremos, por ventura, concluir que o incendio é o melhor methodo de achar thesouros, e deveremos tocar fogo nos palacios para ter oppor-tunidade de descobrir riquezas? Não; o mal é sempre o mal, e muitos seculos não apagam, e apenas desbotam ás vezes, os vestigios de assolação, o rasto de sua passagem no mundo. O argumento a que se agarram com tanto aferro os escravocratas, como prova decisiva em favor da escravidão, de que os captivos da America são

mais felizes que os proletarios do velho mundo, sirva de prova desta verdade. Supponhamos que se descobriu a balança mysteriosa para pesar e comparar os risos e as lagrymas deste lado do oceano, com as dôres e alegrias de além-mar ; e demos por averiguado que o negro tenha melhor quinhão aqui do que o branco lá. Pois bem : eu vos asseguro, inspirado na minha consciencia, que o pauperismo horroroso, que rasga as entranhas da Europa, é o triste legado de todos os erros e oppressões, de todos os crimes e attentados, que se chamam na historia, ora conquista e escravidão, outrora feudalismo e servilismo, depois despotismo e subjeição, com seu apparatuso prestito de guerras e pompas cortezãs, religiosas e militares, tributos, dizimas e impostos reaes, feúdaes e ecclesiasticos, esbulhos, confiscações, devastações, inquisições, execuções e proscricções.

O pauperismo é a resultante visivel da conjuncta tracção de todas essas forças, actuando sobre a massa cosmica primitiva, que se chamava escravidão, a qual pelo simples facto de sua duração ganhou assim a virtude de perpetuar-se numa filiação monstruosa, cujo ultimo temeroso representante é hoje o proletariado; o pauperismo, que sacode o facho incendiario, como um pendão de guerra, a cuja luz sinistra pretende marchar para a vingança, de que se diz e é o depositario e herdeiro legitimo, e a cuja labareda pretende purificar o mundo na esperanza de abraçar o pec-

cado original e fazer o universo renascer, como a phenix de suas proprias cinzas!

Tomando a licção da Providencia, procuremos extrahir o bem do mal. Ao fumegante clarão dos horriveis incendios communistas, fitemos a estrada do passado, que elles buscaram retrilhar, restabelecendo a communa da média idade donde querem seguir para traz, para traz sempre até a origem da historia, como que querendo desmanchá-la camada por camada, para refazê-la de novo, e aprendamos a temer e evitar os vicios de origem, onde germina a perniciosa semente da iniquidadê e do mal, que embora incubada nas trevas por seculos faz de repente tão temerosa, tão funesta e tão horriavel explosão no seio da mais apparente e illusoria prosperidade...

Deus, que lê no fundo das consciências, e para quem o coração humano não tem dobras, onde occulte sentimentos, nem o cerebro escaninhos que escondam pensamentos, conhece a pureza de minhas intenções, a sinceridade de minhas convicções, a desprevenção do meu espirito, tão exempto de má vontade para com uns, quão benevolo para com outros, e me dará conforto e tranquillidade, para na minha obscura humildade, soffrer com paciencia e resignação os doestos e injustiças dos que se julgarem offendidos ou molestados por estes escriptos.

20 de novembro 1887

210 87

made

